

Adaptação das crianças à Creche: As Experiências das Famílias

RAQUEL MARIA REBELO FERREIRA

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar
abril 2024

ISEC LISBOA | INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS
Escola de Educação e Desenvolvimento Humano

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Adaptação das crianças à Creche: As Experiências das Famílias

Autora: Raquel Maria Rebelo Ferreira

Orientador: Prof. Dr. José Reis Jorge

abril 2024

*Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem
aprender o caminho, caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a
caminhar.*

(Paulo Freire, 1997, p. 155)

AGRADECIMENTOS

“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante.” (Antoine de Saint-Exupéry)

Reforçando, Antoine de Saint-Exupéry, quero agradecer a todos aqueles que foram importantes neste percurso da minha vida:

À minha querida avó, que já não está entre nós, por ter sido e continuar a ser a luz dos meus dias e força para nunca ter desistido desta fase tão importante da minha vida.

Aos meus pais, por acreditarem em mim e me apoiarem na concretização deste grande sonho. Pelo amor, lealdade e paciência que mostraram ao longo deste tempo.

À minha irmã, por toda a força que me deu para nunca desistir, acreditando sempre em mim e nas minhas capacidades.

À minha sobrinha Maria pelo carinho e apoio.

À Mariana, pela amizade e por me ter acompanhado ao longo destes 6 anos, estando sempre presente no meu percurso académico.

À Inês, pela amizade, pela ajuda, cumplicidade, dedicação e companheirismo.

À Ana e aos meus amigos mais próximos pelo apoio, incentivo e amizade.

A todos os docentes do ISEC LISBOA, que de certa forma foram importantes na minha vida académica, partilhando conhecimento e experiências.

Ao Colégio Monte Flor, por toda a compreensão, flexibilidade, empatia e confiança que depositou em mim.

A todas as crianças que se cruzaram e se continuam a cruzar na minha vida, e que deixaram um bocadinho de si, pois é graças a elas que cheguei até aqui.

OBRIGADA!

RESUMO

Com o presente estudo pretende-se dar a conhecer as experiências das famílias vividas ao longo do processo de adaptação dos/as filhos/as à creche. Este estudo caracteriza-se pela sua natureza mista, assente na análise e recolha de dados qualitativos e quantitativos, por permitir compreender de forma mais abrangente e detalhada as vivências das famílias durante o processo de adaptação.

A problemática deste estudo prende-se com um interesse profissional e pessoal, por desempenhar funções de auxiliar de ação educativa numa sala de creche. Assim, surgem as questões de investigação: *Quantos processos de adaptação das crianças à creche, experienciou cada uma das famílias?*, *Como se sentiram as famílias durante o processo de adaptação?* e *Quais os recursos utilizados pelas famílias durante o processo?*, Que por sua vez se suportam nos seguintes objetivos: identificar quantos processos de adaptação as famílias vivenciaram até ao momento e quais desses processos foram os mais e menos tranquilos; compreender o estado emocional das famílias no processo de adaptação das crianças à creche; perceber a influência da duração (dias, semanas, meses) do processo de adaptação na reação das famílias no momento de acolhimento e por último, entender quais foram os recursos mais importantes para as famílias no processo de adaptação das crianças à creche.

Para a concretização dos objetivos referidos, recolheram-se, analisaram-se e concluíram-se os dados obtidos através de questionários realizados a 39 famílias, bem como de entrevistas a 3 famílias selecionadas. Destaca-se a importância dos aspetos éticos assumidos neste estudo, de forma a garantir o respeito pelos participantes e a integridade da pesquisa, a partir da Carta de Princípios para uma Ética Profissional.

Os dados obtidos conferem as seguintes conclusões: os estados emocionais que as famílias apresentaram quando entregaram as crianças à equipa educativa, influenciaram diretamente os comportamentos manifestados pelas crianças; existe relação entre o número de filhos e os processos de adaptação mais tranquilos e serenos/ mais difíceis e complexos; as dificuldades que as famílias sentiram durante o processo de adaptação dos filhos/as refletem-se no momento da separação; os recursos mobilizados pelas famílias para facilitar ou superar as dificuldades sentidas recaíram sobre o apoio no marido/mulher, na equipa educativa e noutros familiares.

Palavras-chave: Creche, família, adaptação e experiências.

ABSTRACT

This study aims to present the experiences of families throughout the adaptation process of their children to daycare. It is characterized by its mixed nature, relying on the analysis and collection of qualitative and quantitative data, allowing for a more comprehensive and detailed understanding of families' experiences during the adaptation process.

The research problem arises from both professional and personal interests, as the researcher works as an educational assistant in a daycare setting. Thus, the research questions emerged: How many adaptation processes did each family experience regarding their children's transition to daycare? How did families feel during the adaptation process? And what resources did families utilize during this process? These questions are supported by the following objectives: to identify how many adaptation processes families have experienced so far and which ones were the most and least smooth; to comprehend the emotional state of families during their children's adaptation to daycare; to understand the influence of the duration (days, weeks, months) of the adaptation process on families' reactions at the moment of admission; and finally, to grasp which resources were most significant for families during their children's adaptation to daycare.

To achieve these objectives, data were collected, analyzed, and concluded from questionnaires administered to 39 families, as well as interviews conducted with 3 selected families. The study highlights the importance of ethical considerations to ensure respect for participants and the integrity of the research, following the Principles of Professional Ethics.

The obtained data lead to the following conclusions: the emotional states presented by families when entrusting their children to the educational team directly influenced the behaviors exhibited by the children; there is a correlation between the number of children and the smoother/more difficult and complex adaptation processes; the difficulties families experienced during their children's adaptation process are reflected in the moment of separation; the resources mobilized by families to facilitate or overcome the difficulties encountered relied on support from spouses, the educational team, and other relatives.

Keywords: Daycare, family, adaptation, experiences

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
1. REVISÃO DA LITERATURA.....	3
1.1. A CRECHE E A CRIANÇA	3
1.2. ADAPTAÇÃO À CRECHE.....	3
1.3. A IMPORTÂNCIA DA ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS À CRECHE.....	4
1.4. A ENTRADA NA CRECHE	4
1.5. A VINCULAÇÃO	6
1.6. O PAPEL DA FAMÍLIA NA ADAPTAÇÃO À CRECHE	8
1.6.1. ENVOLVIMENTO PARENTAL	8
1.6.2 O IMPACTO DO ENVOLVIMENTO PARENTAL NA ADAPTAÇÃO À CRECHE	8
1.6.3 AS EXPECTATIVAS E OBSTÁCULOS DURANTE A ADAPTAÇÃO À CRECHE	9
1.7. O PAPEL DA EQUIPA EDUCATIVA NA ADAPTAÇÃO À CRECHE	10
2. METODOLOGIA.....	12
2.1. OBJETIVO GERAL	12
2.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
2.1.3. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	12
2.2. CONTEXTO DO ESTUDO.....	12
2.3. TIPO DE ESTUDO.....	13
3. MÉTODOS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS	13
3.1. DADOS QUANTITATIVOS	14
3.1.1. QUESTIONÁRIO	14
3.1.2. AMOSTRA.....	14
3.1.3. ANÁLISE DOS DADOS.....	15
3.2 DADOS QUALITATIVOS	15
3.2.1. ENTREVISTA	15
3.2.2. PARTICIPANTES	16
3.2.3. ANÁLISE DOS DADOS.....	16
3.3 ASPETOS ÉTICOS	18
4. RESULTADOS.....	19
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	27

6. CONCLUSÃO.....	29
6. REFERÊNCIAS	30
ANEXOS.....	32
ANEXO A - QUESTIONÁRIO.....	32
ANEXO B – GUIÃO DE ENTREVISTA	36
ANEXO C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FAMÍLIA 1 (F1)	39
ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA FAMÍLIA 2 (F2).....	43
ANEXO E– TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DA FAMÍLIA 3 (F3)	48
ANEXO F– ANÁLISE CATEGORIAL DAS ENTREVISTAS REALIZADAS ÀS FAMÍLIAS 1, 2 E 3	52

ÍNDICE DE TABELAS

Quadro 1. - Padrões de vinculação	7
Quadro 2. Análise categorial das entrevistas realizadas às famílias.....	24

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Distribuição do número de filhos por família	15
Figura 2. É a primeira vez que acompanha um processo de adaptação.....	19
Figura 3. Quanto tempo demorou o processo de adaptação do/a filho/a.....	20
Figura 4. Quais os comportamentos e reações que a criança demonstrou ao longo do processo	20
Figura 5. No momento de acolhimento (momento em que entregou a criança à equipa educativa) como se sentiu emocionalmente?.....	21
Figura 6. Sentiu necessidade de recorrer a alguns dos seguintes recursos	21
Figura 7. Em qual/quais recursos acima assinalados sentiu mais apoio, disponibilidade, colaboração e atenção.....	22
Figura 8. Quais os elementos da equipa educativa que considera que foram mais importantes neste processo de adaptação	23
Figura 9. Que tipo de atitude revelou a educadora neste processo.....	23

INTRODUÇÃO

O presente relatório pretende apresentar o estudo para finalizar o Mestrado em Educação Pré-Escolar. Ao longo do ano letivo 2023/2024 a escolha deste estudo surgiu perante algumas dificuldades que fui sentindo ao longo da minha prática profissional, no que diz respeito ao processo de adaptação à creche e, sobretudo, em lidar com as experiências das famílias.

Assim, surge o tema do presente trabalho a *Adaptação das crianças à creche: As experiências das famílias*. O facto de desempenhar funções de auxiliar de ação educativa numa sala de creche de 2 anos, despertou-me a curiosidade em compreender as diversas formas pelas quais passam e vivenciam as famílias durante o processo de adaptação das suas crianças à creche.

Importa referir o motivo que levou à escolha do tema do presente estudo que se prende não só com um interesse profissional, mas também pessoal. O facto de desempenhar funções de auxiliar de ação educativa numa sala de creche, mais propriamente numa sala de 2 anos, despertou-me a curiosidade em compreender as diversas formas pelas quais passam e vivenciam as famílias durante o processo de adaptação das suas crianças à creche. Ao longo da minha prática, sobretudo durante o mês de setembro/ outubro assisto a múltiplos estados emocionais, reações, posturas, atitudes e comportamentos no momento de acolhimento das crianças, por parte das suas famílias. Cada família tem as suas especificidades, acabando por viver este processo de adaptação também de forma muito específica e individual.

Como futura profissional de educação interessa-me igualmente compreender através deste estudo, não só como as famílias vivenciam e se sentem durante o processo de adaptação, mas também de que forma é que poderei vir a ser um recurso para que se sintam apoiadas e compreendidas. Sem dúvida que em educação de infância as crianças são o foco e o centro, contudo as famílias por serem o seu suporte, não podem ser esquecidas.

Neste sentido, o objetivo geral deste estudo é compreender de que forma é que as famílias vivenciam o processo de adaptação das crianças à creche. No que diz respeito aos objetivos específicos são: (i) perceber quantos processos de adaptação as famílias vivenciaram até ao momento e quais desses processos foram os mais e menos tranquilos; (ii) compreender o estado emocional das famílias no processo de adaptação das crianças

à creche; (iii) perceber a influência da duração (dias, semanas, meses) do processo de adaptação na reação das famílias no momento de acolhimento; e (iv) entender quais foram os recursos mais importantes para as famílias no processo de adaptação das crianças à creche.

Para alcançar os objetivos definidos optou-se por um estudo misto com desenho sequencial explanatório (QUAN-qual) (Cresswel, 2010) em que a recolha de dados foi realizada através de inquérito por questionário aplicado às famílias e entrevista semiestruturada a três das famílias participantes no estudo.

Este trabalho encontra-se organizado nas seguintes 5 partes: 1. Revisão de literatura relevante para a fundamentação teórica do processo de adaptação à creche; 2. Metodologia, em que são apresentados os objetivos geral e específicos, as questões de investigação, o tipo de estudo, os participantes e os métodos de recolha e análise de dados; 3. Apresentação de resultados; 4. Discussão dos resultados e 5. Conclusão

1. REVISÃO DA LITERATURA

Na secção dedicada à revisão da literatura são abordadas as temáticas relativas à adaptação da criança à creche e aos papéis das famílias e da equipa educativa neste processo de adaptação, relevantes para a fundamentação teórica do estudo.

1.1. A CRECHE E A CRIANÇA

A creche é um meio educativo e de apoio à família que presta cuidados educativos e assistenciais à criança e contribui para a sua socialização, para o seu desenvolvimento global e para o despiste de inadaptações, deficiências e precocidades e para o seu equilíbrio emocional e afetivo.

(Decreto Regulamentar Regional nº 17/2001/A de 29-11-2001)

Partindo-se do pressuposto que as experiências vividas ao longo dos primeiros anos de vida influenciam a formação e o desenvolvimento do ser humano, a creche por ser uma resposta social deve acolher, cuidar e respeitar as crianças, estabelecendo assim o encontro com as necessidades individuais de cada uma, bem como a promoção do seu desenvolvimento integral e harmonioso.

Segundo Portugal et al. (2016) a equipa educativa é considerada um elemento de “cuidar”, estando presente em todas as atividades, rotinas e dinâmicas de uma creche.

1.2. ADAPTAÇÃO À CRECHE

A adaptação à creche representa um processo complexo pelo qual as crianças se integram e se adaptam no ambiente escolar. Este percurso abrange diversos acontecimentos, incluindo a adaptação ao currículo académico, a adaptação emocional e a adaptação comportamental, pelos quais as crianças passam quando fazem a mudança de casa para ambientes educativos (Brito & Cruz, 2023). O início da adaptação é sempre muito difícil no que diz respeito à separação entre os pais e os/as filhos/as, pois as crianças, em geral, demonstram ansiedade, choro e medo. Nos momentos em que as crianças demonstram este tipo de sentimentos perante o estranho (equipa educativa) mostram uma maior resistência em deixar os pais. Segundo Truchis (1988, citado por Portugal, 1998) durante a adaptação as crianças podem apresentar diferentes sintomas como agitação, perturbações do sono, problemas alimentares e diversas manifestações somáticas que podem causar problemas psíquicos e emocionais.

Lazarus (1991) e Folkman e Lazarus (1984) delinearão duas perspectivas sobre o processo de adaptação à creche: a adaptação como conquista e a adaptação como processo. A adaptação como conquista refere-se à “capacidade de ajustamento ao ambiente envolvido e à realização de algo” (Lazarus, 1991, p.95). Nesse contexto, destaca-se a habilidade de se adequar a novas situações, ambientes e desafios para atingir metas específicas (Brito & Cruz, 2023). Tal como afirmam os mesmos autores (2023), a adaptação como processo refere-se às formas específicas pelas quais um indivíduo lida com as exigências do ambiente em que se encontra.

1.3. A IMPORTÂNCIA DA ADAPTAÇÃO DAS CRIANÇAS À CRECHE

A transição das crianças para a creche, representa o início da sua experiência na educação formal, estabelecendo as bases para experiências e desempenho escolar posteriores. Apesar da entrada na escola ser um marco crucial na vida da criança e no seu desenvolvimento, este tipo de adaptação pode causar ansiedade tanto para as crianças como para as suas famílias (Brito & Cruz, 2023).

1.4. A ENTRADA NA CRECHE

Quando uma criança entra na creche, não consegue compreender imediatamente a razão de estar presente naquele ambiente. Inicialmente, a criança pode ver a creche com um sentimento de “abandono”. Se todo este processo não for acompanhado de forma sensível e atenta, a criança pode demonstrar um nível considerável de ansiedade. Tal como afirmam Portugal et al. (2016), nestas circunstâncias de adaptação à creche, as crianças podem demonstrar alguma dificuldade em estabelecer laços afetivos, sobretudo com a equipa educativa. No entanto, apesar de algumas crianças conseguirem lidar com estas situações, a maioria, tal e qual como os adultos, enfrentam sentimentos de incerteza e ansiedade perante o desconhecido. Assim, é crucial que a equipa educativa seja consistente nas suas atuações, paciente, responsiva e dedicada nesta fase tão importante e sensível para a criança.

Segundo Portugal et al. (2016) a noção de adaptação não se restringe apenas à forma como a criança vivencia o novo contexto educativo, mas também à forma como a creche se organiza para ir ao encontro das necessidades quer das crianças, quer das suas

das famílias. Neste sentido, é importante que a equipa educativa, através de uma atitude compreensiva e responsiva, consiga apoiar as famílias e as crianças no momento da separação. Para tal, é importante que a equipa educativa consiga ter um diálogo seguro e tranquilo, reconfortando a criança ao seu colo, se possível, fazendo com que não só com que as crianças se sintam mais seguras e acolhidas, mas também facilitando o momento da despedida e posterior, saída das famílias. Esta flexibilidade e habilidade da creche em adaptar-se e em responder às necessidades individuais de cada criança e das famílias não só se torna crucial para todo o processo de adaptação, como também para o bem-estar da criança e para uma boa interação entre a criança e o adulto. Nesse sentido é importante, que a equipa educativa valorize os objetos significativos para a criança, para que possam apoiar de forma confortante e segura a transição entre o ambiente familiar e a creche (*Idem*, 2016).

Ainda de acordo com Portugal et al. (2016) é fundamental compreender que as respostas das crianças ao desconhecido estão diretamente associadas a tensões cognitivo-emocionais, e não propriamente ao educador e à creche. Por isso, o desafio que a criança enfrenta consiste não só em lidar com um mundo desconhecido, mas também com a separação das figuras de vinculação, que representam os seus pontos de segurança.

O processo de adaptação, especialmente no que diz respeito à separação das figuras de vinculação, é também problemático para as famílias. Ao longo deste processo, a família deve apostar numa transição gradual de casa para a creche. Para tal, é importante que a família seja informada com antecedência sobre todo o processo e todas as dinâmicas utilizadas pela creche, tendo assim a oportunidade de conhecer o ambiente educativo da instituição e a equipa educativa.

1.5. A VINCULAÇÃO

A vinculação refere-se à ligação afetiva de uma pessoa a outra. Segundo Bowlby (1992b), a vinculação entre as crianças e os pais está relacionada com o desenvolvimento de uma conexão afetiva e emocional. Após o nascimento, todos os comportamentos que os bebés apresentam, fomentam e permitem o contacto e a proximidade com a mãe. Segundo Portugal (1998) os comportamentos de ligação também podem ocorrer com outros adultos (família ou próximos), contudo observam-se de maneira mais intensa, precoce e consistente com a mãe.

Por outro lado, Bowlby (1969/1982, citado por Fuertes, 2012) acredita que a vinculação não segue um único caminho. Para o autor, as características individuais da vinculação são moldadas consoante as experiências vividas, por isso, a variedade de resposta e a acessibilidade por parte do adulto são vistas de diferentes formas. Querendo isto dizer que, as experiências que o adulto vivencia influenciam diretamente a sua organização comportamental.

Ainsworth (1965, citado por Fuertes, 2012) assume que a interação entre filho e mãe pode ser segura ou ansiosa. No caso da vinculação segura, a principal característica do relacionamento é a “confiança” que a criança sente pelo adulto. Já na vinculação ansiosa, ocorre uma falta de resposta por parte do adulto recorrente da experiência de fenómenos de inacessibilidade.

Para Ainsworth (1965, citado por Fuertes, 2012), a vinculação pode apresentar três padrões: vinculação segura, inseguro-evitante e ansiosa-evitante. No padrão de vinculação segura (Tipo B), os bebés seguros veem a mãe como base de segurança. No padrão de inseguro-evitante (Tipo A) os bebés raramente choram na separação, mostrando comportamentos de procura no meio envolvente, evitando assim, a mãe. No padrão de vinculação ansiosa-ambivalente (Tipo C), as crianças mostram ansiedade nos episódios de pré-separação e ficam muito transtornadas com a separação (Fuertes, 2012).

De acordo com Bowlby, citado por Portugal (1998) nos diferentes padrões de vinculação, tal como é possível observar no quadro que se apresenta, as crianças podem apresentar os seguintes comportamentos:

Quadro 1. - Padrões de Vinculação

Padrão A: Ligação inseguro-evitante	Padrão B: Vinculação Segura	Padrão C: Anisoso-Ambivalente
<p>Na demonstração de independência em relação à figura maternal, a criança manifesta:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Manifesta facilidade na separação para explorar antes mesmo da separação.2. Não demonstra e nem partilha afeto.3. Aborda o estranho sem preferência, mesmo na ausência da mãe.	<p>Na utilização da figura maternal como base segura para a exploração, a criança apresenta:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Facilidade na separação para ir explorar brinquedos.2. Compartilha afeto e envolvimento em atividades lúdicas.3. Aproxima-se do estranho na presença da mãe.4. Retorna rapidamente à tranquilidade e conforto, retomando a atividade lúdica.	<p>Na demonstração da pobreza na exploração, a criança revela:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Enfrenta dificuldades na separação, podendo necessitar de contacto mesmo antes da separação.2. Mostra desconfiança e cautela em relação a pessoas e situações novas.
<p>Neste padrão, a criança evita ativamente o reencontro, demonstrando:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Ignorar, virando-se para outras direções e desviando o olhar.2. Comportamentos evitativos com breves momentos de proximidade.3. Interesse pelo estranho, em vez de o evitar.	<p>Neste padrão, a criança procura ativamente o contacto ou a interação durante o reencontro, podendo expressar alguma perturbação.</p> <p>- Se perturbada, a criança:</p> <ol style="list-style-type: none">a) Procura imediatamente o outro e mantém o contacto.b) Apenas o contacto é suficiente para acalmar a perturbação <p>- Se não perturbada, a criança:</p> <ol style="list-style-type: none">a) Expressa um comportamento de saudação ativo, mostrando contentamento ao ver a mãe.b) Inicia fortemente a interação.	<p>Neste padrão, a criança revela dificuldade em acalmar-se durante o reencontro:</p> <ol style="list-style-type: none">1. Combina a procura ativa por contacto com resistência ao contacto (bater, dar pontapés, rejeitando brinquedos).2. Pode continuar a chorar ou a manifestar irritação de forma persistente.3. Demonstração de uma passividade notável.

Assim, pode concluir-se que a vinculação é importante não só por influenciar a forma de como as crianças exploram o mundo, mas também por influenciar os relacionamentos interpessoais que estabelecem e ainda, como lidam com o stress. Além disso, é importante compreender os padrões de vinculação, podendo fornecer informações essenciais para intervenção e apoio adequados quer às crianças, quer às famílias.

Embora uma boa parte da investigação sobre o processo de adaptação à creche tenha sido levada a cabo com base na observação das experiências e das ações estratégicas das crianças, a família e a equipa educativa desempenham também papéis importantes neste processo.

1.6. O PAPEL DA FAMÍLIA NA ADAPTAÇÃO À CRECHE

A família desempenha um papel fundamental na vida de uma criança, exercendo influência significativa no desenvolvimento, no bem-estar emocional e formação de valores. O envolvimento dos pais durante o período de adaptação à creche desempenha um papel crucial no bem-estar emocional e na transição suave das crianças para esse novo ambiente.

1.6.1. ENVOLVIMENTO PARENTAL

O envolvimento parental é um tema complexo que envolve uma diversidade de hábitos pelos pais, tanto em contexto escolar como familiar, com o principal objetivo de facilitar o crescimento da criança (Epstein, 1995, 2001; Fan & Chen, 2001).

É essencial uma boa comunicação entre as famílias e os docentes, pensando sempre no bem-estar da criança e num crescimento saudável. A equipa educativa deve incentivar os pais na participação de eventos e atividades escolares dos seus filhos. Com isto, os pais conseguem criar um bom ambiente, estimulando o desenvolvimento holístico da criança, para que os seus filhos tenham um bom trajeto no processo de adaptação.

Segundo Portugal (1998), diversos estudos indicam que a competência socio emocional da criança está amplamente ligada à qualidade da interação materna, destacando o papel significativo da mãe como mediadora no desenvolvimento das competências cognitivas e da autonomia infantil.

De acordo com Portugal (1998), a idade parece ser um ponto de referência importante para a maturidade. Em observação de mães primíparas (mães de primeira viagem), revelam que interagem de forma mais positiva, estimulante e empática à medida que envelhecem.

1.6.2 O IMPACTO DO ENVOLVIMENTO PARENTAL NA ADAPTAÇÃO À CRECHE

O envolvimento dos pais originam a diversos benefícios no desenvolvimento infantil, adquirindo melhores competências individuais nas crianças, tais como a

linguagem, atitudes e comportamentos positivos, assim como maior competência social (Lagace-Seguin & Case, 2010; Zellman & Waterman, 1998).

De acordo com Chan (2012) e La Paro e Pianta. (2000) referem que o envolvimento dos pais durante o processo de adaptação à creche está associado a uma maior disposição das crianças para participar ativamente nas atividades escolares, demonstrando maior motivação de aprendizagem, tendo comportamentos sociais mais adequados ao contexto escolar.

1.6.3 AS EXPECTATIVAS E OBSTÁCULOS DURANTE A ADAPTAÇÃO À CRECHE

Relativamente as expectativas e obstáculos durante a adaptação à creche, podemos considerar que a família é essencial neste processo, contudo também tem sido discutida em termos de impacto no que diz respeito à dinâmica familiar.

DeCaro e Worthaman (2011) realçam que a adaptação acarreta mudança nas rotinas das famílias, o que pode criar ansiedade nas mesmas. Além disso, é esperado que as famílias aprendam novas formas de apoiar os seus filhos/as no que diz respeito a este processo, colaborando com a equipa educativa desde o momento que os seus filhos começam a frequentar a escola. (Pianta et al. 1999^{a,b}; Pianta & Kraft-Sayre, 2003).

No entanto, as famílias reconhecem a importância de se envolver no processo de adaptação dos seus filhos. A maioria dos pais deseja compartilhar as responsabilidades de preparar os seus filhos nesta transição, estando disposto a colaborar em casa e na escola. (Fowler, 1988; McIntyre et al., 2007).

1.7. O PAPEL DA EQUIPA EDUCATIVA NA ADAPTAÇÃO À CRECHE

Partindo-se da ideia de que na creche as crianças usufruem de um ambiente rico, estimulante e seguro, cabe ao/a educador/a, representar uma base segura, através de uma atitude responsiva face às diferentes necessidades e interesses que as crianças apresentam. (Portugal, 2012)

Deste modo, o/a educador/a deve olhar para a criança como agente ativo no seu próprio processo de aprendizagem, respeitando não só a sua unicidade e individualidade, como também o seu desenvolvimento motor, cognitivo e socio-afetivo. Por isso, ao planear e pensar no ambiente educativo deve ter estabelecido uma prática pedagógica de modo diferenciado, apresentando uma atitude flexível e sensível na organização e gestão das seguintes dimensões: espaço, materiais, grupo e tempo. (Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016).

Igualmente, na adaptação à creche o/a educador/a, deve assumir um papel de extrema importância, contribuindo para que as crianças vivenciem um processo tranquilo e saudável, criando um ambiente acolhedor, seguro e confortável para as crianças.

É ao longo deste processo, que o/a educador/a deve priorizar o estabelecimento de vínculos afetivos de qualidade e segurança quer com as crianças, quer com as famílias. Uma vez que,

Quando existem relações sólidas, empáticas e afetivas, as crianças aprendem a ser mais afetuosas e solidárias e acabam por comunicar os seus sentimentos, refletir nos seus próprios desejos e desenvolver o seu relacionamento com outras crianças e com os adultos.

(Brazelton & Greenspan, 2002, p. 29)

Por este motivo, ao longo do processo de adaptação é essencial desenvolver o estímulo juntamente com a autonomia. O/A educador/a deve oferecer oportunidades para que as crianças escolham as brincadeiras, expressem as suas preferências e desenvolvam gradualmente a independência. Também nas atividades, o/a educador/a deve proporcionar às crianças boas experiências, estimulando o desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Por fim, para além de focar a sua prática pedagógica nas crianças, deve oferecer igualmente, suporte às famílias durante o processo de adaptação, priorizando a

comunicação, a partilha, respondendo as suas questões e tentando tranquilizar as suas preocupações. Uma vez que, Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) afirmam que as famílias são as principais responsáveis pela educação das crianças, por isso têm o direito de participar no processo educativo e pedagógico.

Em concordância, Magalhães (2007) destaca que a família constitui um fator importante no desenvolvimento holístico e integral das crianças, sendo que a relação estabelecida entre a família e a escola influencia as predisposições das crianças, bem como os conhecimentos prévios adquiridos e os seus valores.

Para concluir, e tal como afirmam Brazelton & Greenspan (2002), o/a educador/a ao desempenhar efetivamente estes papéis contribui para a construção de uma base sólida do desenvolvimento infantil, promovendo um ambiente positivo e acolhedor na creche.

2. METODOLOGIA

Uma vez apresentada a discussão dos temas mais relevantes para o enquadramento teórico deste estudo, importa centrar a atenção nas opções metodológicas adotadas para a concretização dos objetivos do mesmo.

2.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral deste estudo é compreender de que forma as famílias vivenciam o processo de adaptação das crianças à creche.

2.1.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar quantos processos de adaptação as famílias vivenciaram até ao momento e quais desses processos foram os mais e menos tranquilos;
- Compreender o estado emocional das famílias no processo de adaptação das crianças à creche;
- Perceber a influência da duração (dias, semanas, meses) do processo de adaptação na reação das famílias no momento de acolhimento;
- Entender quais (foram) os recursos mais importantes para as famílias no processo de adaptação das crianças à creche.

2.1.3. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

- Quantos processos de adaptação das crianças à creche experienciou cada uma das famílias?
- Como se sentiram as famílias durante o processo de adaptação?
- Quais os recursos utilizados pelas famílias durante o processo?

2.2. CONTEXTO DO ESTUDO

O Colégio selecionado para o presente estudo está situado freguesia de Carnaxide e Queijas, no concelho de Lisboa. O Colégio foi fundado em 1973. Este colégio é constituído pelas valências de creche, pré-escolar e 1º Círculo. A valência de creche é constituída por 3 salas, com um limite de 14 crianças por sala, uma educadora e uma auxiliar. A valência de jardim de infância é composta por 3, com um limite de 25 crianças

por sala, uma educadora e uma auxiliar. O 1º ciclo é constituído por uma turma de cada ano (do 1º ao 4º ano) e uma professora titular.

2.3. TIPO DE ESTUDO

Qualquer investigação implica o interesse por se compreender uma determinada realidade que causa inquietação e preocupação (Oliveira, Pereira, & Santiago, 2004, p. 133). Por isso, Bogdan & Biklen (1994) defendem que “os investigadores investigam aspetos pelos quais nutrem interesse.” (p.47). Neste sentido, optou-se por uma abordagem mista. De acordo com Spratt et al., (2004), combinar métodos qualitativos e quantitativos parece uma boa ideia. Utilizar múltiplas abordagens pode contribuir mutuamente para as potencialidades de cada uma delas, além de suprir as deficiências de cada uma. Isto proporcionaria também respostas mais abrangentes as questões de pesquisa, indo além das limitações de uma única abordagem (p. 6).

Para o presente estudo optou-se por um desenho misto sequencial explanatório (QUAN-qual) que, segundo Cresswell (2010) tem como objetivo permitir a explicação, através da componente qualitativa, de aspetos emergentes da componente quantitativa. Este desenho é especialmente útil quando se pretende combinar a profundidade e a riqueza dos dados qualitativos com a capacidade de generalização e a objetividade dos dados quantitativos. No presente estudo, ao optar-se por uma metodologia mista, pretendeu-se chegar a uma maior compreensão das experiências das famílias no processo de adaptação à creche. Neste sentido, os dados qualitativos serviram para a explicação de aspetos que surgiram na análise dos dados quantitativos, nomeadamente as dificuldades que as famílias sentiram ao longo do processo de adaptação, bem como as estratégias que mobilizaram para fazer face a esses desafios.

3. MÉTODOS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

No que se refere aos métodos de recolha de dados, por se tratar de um estudo misto como explicado anteriormente, serão apresentados em separado os métodos de recolha e análise de dados para cada uma das fases da pesquisa. Neste sentido, em primeiro lugar será apresentada a pesquisa quantitativa.

3.1. DADOS QUANTITATIVOS

A pesquisa quantitativa, de acordo com Spratt et al., (2004) adota uma abordagem dedutiva. Querendo isto dizer que, para além de se focar na experiência da teoria de um determinado fenómeno social, considera a sua objetividade e a sua determinação.

3.1.1. QUESTIONÁRIO

Para a recolha dos dados da componente quantitativa foi utilizado o inquérito por questionário. De acordo com Sousa (2005), o inquérito é considerado um instrumento de recolha de dados composto por um grupo de perguntas estruturadas, dirigidas aos participantes, cujas respostas permitem a quantificação para efeitos de análise e a comparação entre os padrões de resposta dos diferentes participantes.

O inquérito utilizado para o presente estudo (Anexo A) está dividido em 9 questões de resposta fechada. Em todas estas questões os participantes poderão seleccionar a opção outros, apresentando a sua resposta de forma descritiva.

3.1.2. AMOSTRA

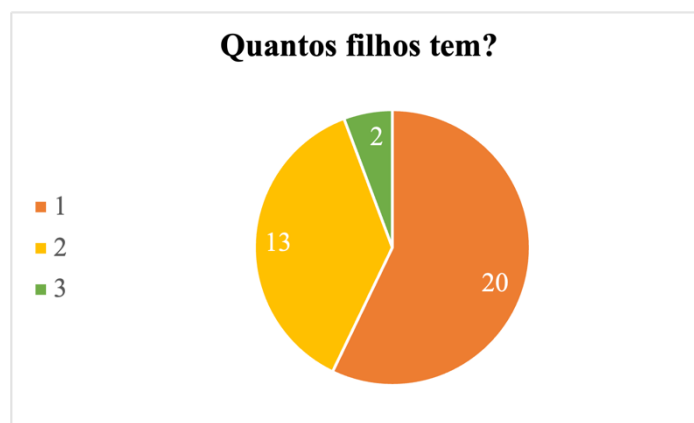
Para este estudo misto, em que o tema é *A adaptação das crianças à creche: as experiências das famílias*, foram distribuídos questionários a uma amostra intencional Sousa (2005) composta por 39 famílias de uma creche privada em Lisboa. Nesta amostra intencional, as famílias seleccionadas para este estudo já passaram, pelo menos uma vez, pelo processo de adaptação à creche, sendo este o critério de seleção adotado.

No que concerne à idade dos participantes no questionário, pode constatar-se que se trata de um grupo de pais com idades compreendidas entre os 30 e os 49 anos de idade. Trata-se de um grupo de pais relativamente jovens, uma vez que 20 dos 35 pais se encontram entre a faixa etária dos 32 aos 37 anos.

No que se refere ao género dos participantes e de acordo com o gráfico apresentado na Figura 2, verifica-se que 28 são do sexo feminino (mães) e que os restantes 6 são do sexo masculino (pais). É importante destacar que ambos os pais tiveram igual acesso ao questionário, ou seja, o questionário não foi enviado apenas para o Encarregado de Educação. Por este motivo, foram as famílias que decidiram qual dos progenitores, responderia ao questionário, sendo que só seria permitida uma resposta/participação por família.

No que concerne ao número de filhos, verificou-se que 20 famílias têm apenas 1 filho, 13 família tem 2 filhos e apenas 2 famílias têm 3 filhos.

Figura 1. Distribuição do número de filhos por família



3.1.3. ANÁLISE DOS DADOS

Concluída a recolha dos dados, segue-se a sua análise. Esta análise irá debruçar-se sobre o tratamento das conceções e opiniões pessoais dos diversos atores que compõem a amostra, a partir dos instrumentos utilizados e através de testes de estatística descritiva. Uma vez que, tal como defende Vala (1986) “é a análise de conteúdo que permitirá apreender o significado das respostas obtidas” (p. 107).

3.2 DADOS QUALITATIVOS

A pesquisa qualitativa, de acordo com Spratt et al. (2004), é um método de investigação que se baseia na abordagem do surgimento de uma possível teoria, através de técnicas como as entrevistas abertas. É através do estudo dos métodos estatísticos que se torna possível analisar e chegar a uma determinada conclusão.

3.2.1. ENTREVISTA

A entrevista foi a técnica utilizada para a recolha dos dados qualitativo. A entrevista é um método de recolha de dados utilizado para conhecer as opiniões, perceções e experiências dos entrevistados (Máximo-Esteves, 2008).

Para este estudo optou-se pela entrevista semiestruturada permitindo uma comparação direta entre as respostas dos participantes.

O guião da entrevista inclui 4 blocos. O bloco **A (Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a)**, em que os seus objetivos específicos são: apresentar os objetivos gerais do estudo e da entrevista; garantir confidencialidade e solicitar autorização para gravar a entrevista em suporte áudio. O bloco **B (Definição do perfil do/a entrevistado/a)**, cujo objetivo principal é conhecer a idade, profissão, formação académica e número de filhos. Em relação ao terceiro bloco, o **C (Experiências de Processos de Adaptação dos Filhos à Creche)**, em que os objetivos são: saber o número de experiências anteriores de adaptação de filhos à creche; perceber como foram experienciados os processos de adaptação dos filhos à creche e perceber possíveis diferenças entre os processos anteriores e o processo atual. Por fim, o bloco **D (Conclusão da entrevista)** com o principal objetivo de concluir a entrevista.

3.2.2. PARTICIPANTES

Em seguimento da análise dos questionários e em conversação com as famílias, foram selecionadas 3 famílias que expressaram disponibilidade para fornecer informação relativa às experiências do processo de adaptação à creche mais de uma vez.

3.2.3. ANÁLISE DOS DADOS

A análise de conteúdo consiste numa técnica aplicada, nomeadamente, em estudos qualitativos, com a finalidade de analisar diferentes fontes de dados: “notícias de jornais, discursos políticos, cartas, anúncios publicitários, relatórios oficiais, entrevistas, vídeos, filmes, fotografias, revistas, relatos autobiográficos, entre outros” (Silva e Fossá, 2013, p. 2). As mesmas autoras afirmam que para se proceder à análise de conteúdo é necessário que se classifiquem os dados em temas ou em categorias, para que se tenha acesso à sua interpretação, propondo assim, as seguintes três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

De acordo com Silva & Fossá (2013), a primeira fase, a pré-análise diz respeito à preparação do material, traduzindo-se na reunião das informações recolhidas. A segunda fase, a exploração do material refere-se à construção das unidades de registos, a partir do recorte dos textos recolhidos, bem como a classificação e criação de categorias. A terceira

fase, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação diz respeito à análise das categorias emergentes na fase anterior.

Em concordância, Vala (1986) refere que a análise de conteúdo é uma das técnicas mais mobilizadas em estudos empíricos, definindo-se como “uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto” (p.103). Para o autor são as inferências que permitem a interpretação dos dados

3.3 ASPETOS ÉTICOS

Ao optar-se por um estudo com questionários e entrevista, existem diversos aspectos que são importantes para garantir o respeito pelos participantes e a integridade da pesquisa. Por isso, no trabalho com as famílias há que contemplar a Carta de Princípios Éticos de Investigadores.

Uma vez que a Carta de Princípios Éticos divide os princípios, enumeram-se agora, os que foram mais evidentes durante toda a pesquisa e análise deste estudo. Competência, confidencialidade, honestidade, imparcialidade e objetividade são os princípios destacados por se enquadrarem não só nos valores educacionais recebidos, mas também nos valores defendidos enquanto ser humano pessoal e profissional. Torna-se importante destacar também o princípio da confidencialidade e do anonimato, devido ao sigilo a cumprir relativamente às informações obtidas sobre e através dos participantes.

Para além da Carta de Princípios Éticos dos Investigadores, a Apei também declara um conjunto de princípios éticos no trabalho com crianças que se consideram relevantes, entre os quais: respeitar a privacidade e o sigilo; respeitar as famílias (Moita et al, 1981). “Os princípios éticos são diretrizes pelas quais o homem, enquanto ser racional e livre, rege o seu comportamento.” (Carapeto & Fonseca, 2012). Assim, na Educação é fundamental que se cumpram todos os princípios éticos e perante os diversos obstáculos espera-se que a ação profissional responda de forma correta.

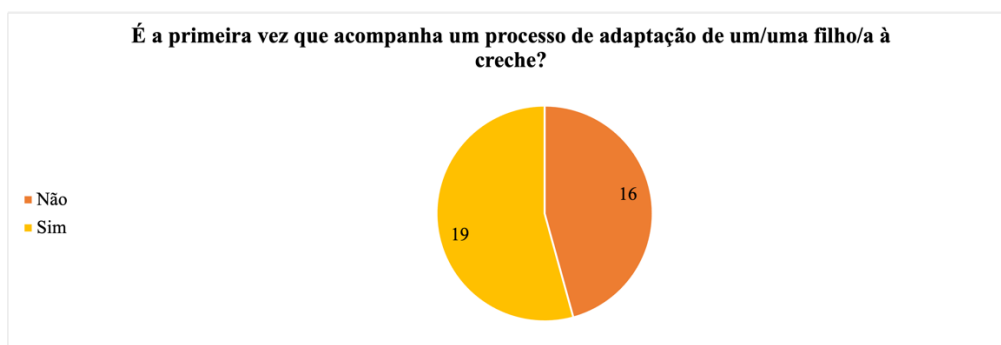
Neste sentido e tendo em conta o percurso realizado ao longo do presente estudo, considera-se que foram cumpridos e respeitados todos os princípios éticos através da obtenção do consentimento informado dos participantes.

4. RESULTADOS

Para que se compreendam as experiências das famílias vivenciadas durante os processos de adaptação das crianças à creche, surgiu a necessidade de contextualizar o estudo. Assim, em primeiro lugar foram analisados os questionários realizados a 39 famílias. Desta amostra, é importante destacar que das 39 apenas 35 famílias responderam ao questionário.

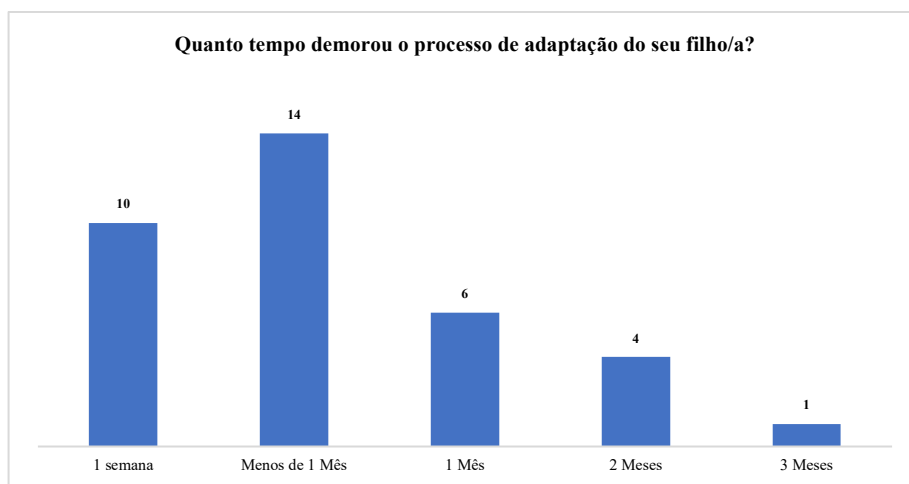
Na pergunta, *É a primeira vez que acompanha um processo de adaptação de um/uma filho/a à creche?* é possível observar-se no gráfico que se apresenta a baixo, que 19 famílias acompanham pela primeira vez um processo de adaptação de um/a filho/a à creche e as restantes 16 famílias não é a primeira vez que acompanham um processo de adaptação à creche. Pode assim, concluir-se que estas 19 famílias que acompanham pela primeira vez um processo de adaptação se deve ao facto de terem apenas um/a filho/a.

Figura 2. *É a primeira vez que acompanha um processo de adaptação*



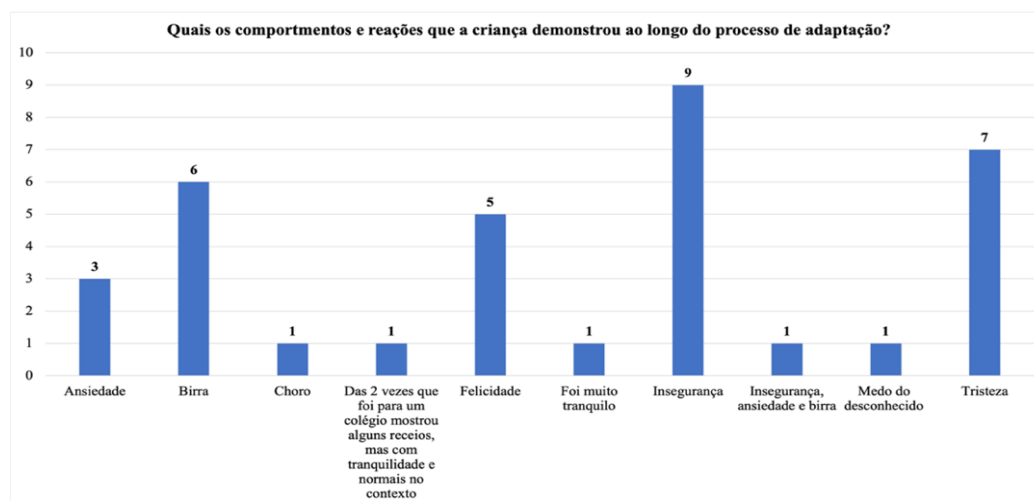
Posteriormente, no que se refere à *duração do período de adaptação do/a filho/a*, 14 famílias apontaram menos de 1 mês, 10 famílias apontaram uma semana, 6 famílias apontaram 1 mês, 4 famílias apontaram 2 meses e apenas 1 família assinalou 3 meses. Confirma-se que para 24 das 35 famílias inquiridas, o processo de adaptação da criança à creche foi relativamente rápido, durando menos de 1 mês, tal como se pode observar no gráfico seguinte.

Figura 3. Quanto tempo demorou o processo de adaptação do/a filho/a



Relativamente aos *comportamentos* que as crianças demonstraram ao longo da adaptação, pode considerar-se que a maioria das famílias (n=26) destacou insegurança, tristeza e birra. Já a ansiedade e o medo do desconhecido foram apontados por 3 e 4 famílias respetivamente, o choro por 1 família e a felicidade por 5 famílias.

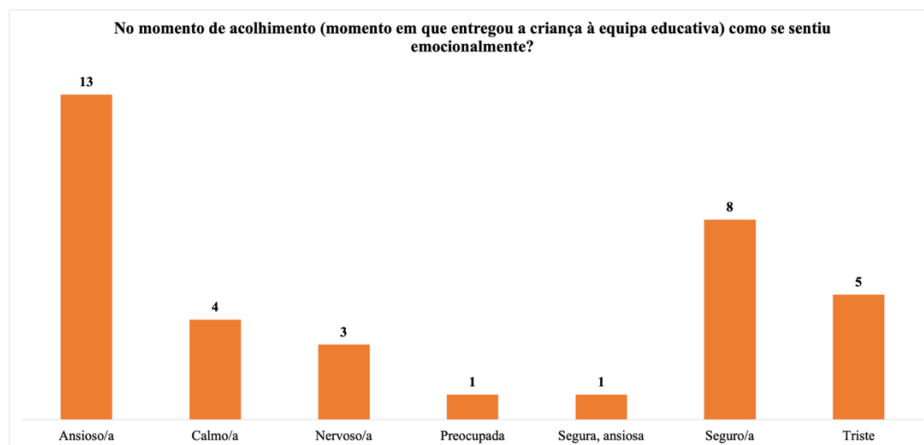
Figura 4. Quais os comportamentos e reações que a criança demonstrou ao longo do processo



No que respeita ao *momento em que as famílias entregaram a criança à equipa educativa*, verifica-se através do seguinte gráfico que o sentimento mais experienciado foi a ansiedade, tendo sido apontada por 13 famílias. Mas também se destacaram a segurança e a tristeza, que por sua vez foram referidas por 8 e 5 famílias, respetivamente. Relativamente ao sentimento de calma apenas 4 famílias o referiram. Já o nervosismo

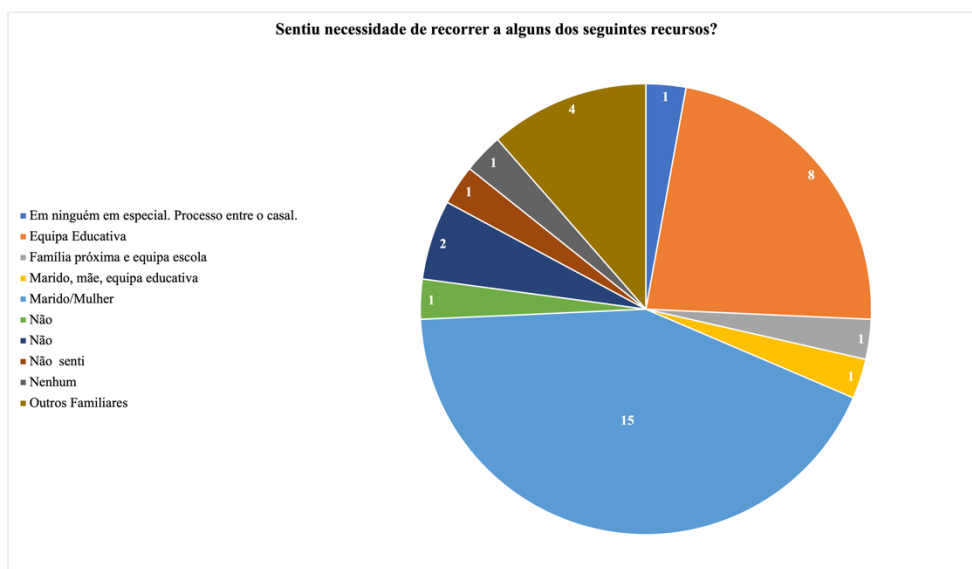
ocupou o sentimento vivenciado por 3 das 35 famílias. Apenas uma família apontou a preocupação neste momento de acolhimento. Por último, 1 família destacou a opção outros, nomeando a segurança e a ansiedade que sentiu.

Figura 5. *No momento de acolhimento (momento em que entregou a criança à equipa educativa) como se sentiu emocionalmente?*



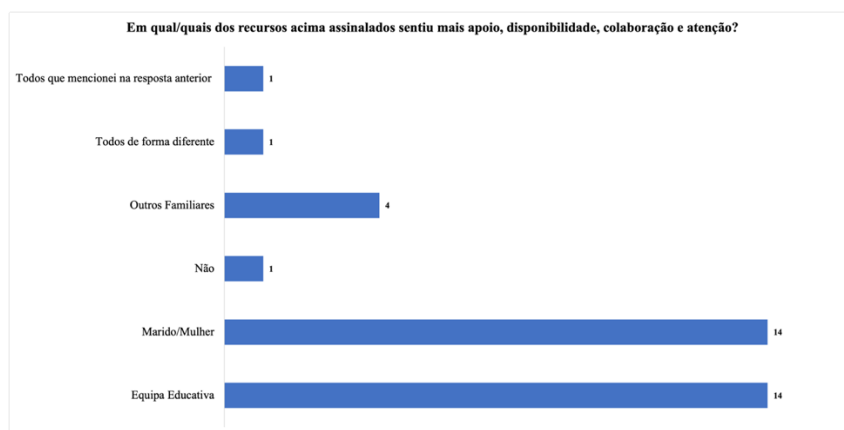
À pergunta que se refere à necessidade de ter *recorrido a recursos* durante o período de adaptação da criança à creche, 15 famílias selecionaram a resposta *marido/mulher*. Das restantes 20 famílias, 8 elegeram a opção da *equipa educativa*. Das 12 famílias restantes, apenas 4 se apoiaram noutros familiares. As restantes 8 famílias identificaram na opção outros os seguintes recursos: “em ninguém em especial. Processo entre o casal” (1), “família próxima e equipa educativa” (1), “marido, mãe e equipa educativa” (1), “não” (2), “não senti” (1) e “nenhum”, tendo sido selecionada por 1 família, tal como se pode observar no gráfico que se apresenta.

Figura 6. *Sentiu necessidade de recorrer a alguns dos seguintes recursos*



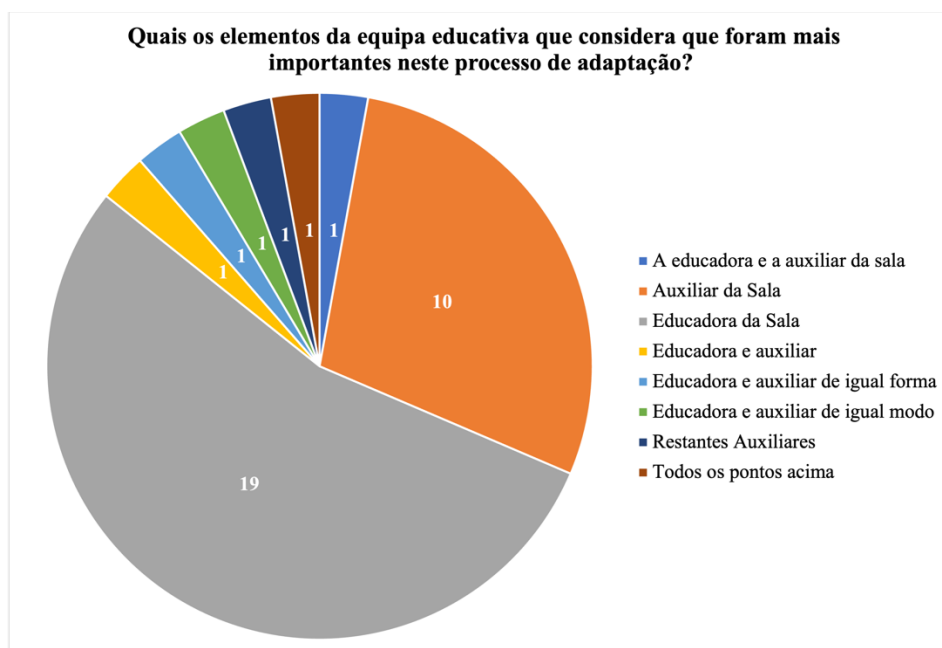
Na questão número 9 do questionário era solicitado aos inquiridos que indicassem, em *qual/quais dos recursos escolhidos anteriormente foi sentido mais apoio, disponibilidade, colaboração e atenção*. Como se pode observar no gráfico da Figura 9, das 35 famílias, 14 assinalaram *marido/mulher* e outras 14 selecionaram a *equipa educativa*. Apenas 4 famílias registaram ter sentido mais apoio, disponibilidade, colaboração e atenção de *outros familiares*. As restantes 3 famílias referiram todos os apoios mencionados anteriormente embora de forma diferente, tendo uma das famílias indicado ausência de recurso a qualquer apoio.

Figura 7. *Em qual/quais recursos acima assinalados sentiu mais apoio, disponibilidade, colaboração e atenção*



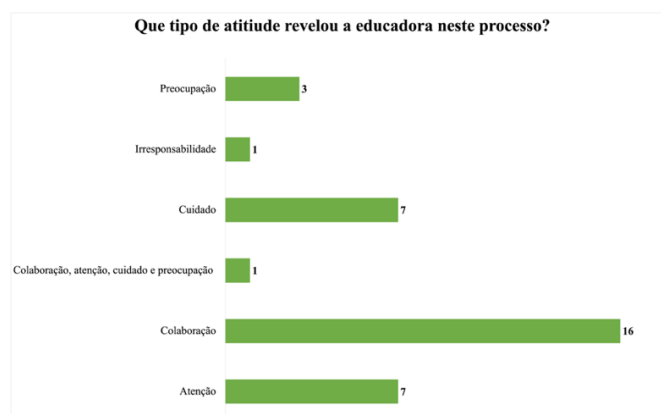
Relativamente à penúltima pergunta do questionário, *quais os elementos da equipa educativa que considera que foram mais importantes neste processo de adaptação*, 19 famílias escolheram a *educadora de sala*. Por outro lado, 10 famílias assinalaram a *auxiliar de sala* como o elemento mais importante. Apenas 1 família selecionou a opção *restantes auxiliares*. As restantes 5 famílias optaram por selecionar a opção *outros*, identificando: “a educadora e a auxiliar de sala”, “educadora e auxiliar de forma igual”, “todos os pontos acima”. Tal como se pode verificar no gráfico da figura 10.

Figura 8. *Quais os elementos da equipa educativa que considera que foram mais importantes neste processo de adaptação*



Quanto à última questão do questionário, *que tipo de atitude revelou a educadora neste processo*, 16 das famílias participantes apontaram a *colaboração*. Das restantes 19 famílias, 14 destacaram igualmente o cuidado e a atenção. Apenas 3 famílias assumiram a *preocupação* como a atitude revelada pela educadora e por fim, 1 família caracterizou a atitude da educadora como irresponsável e ainda, na opção outros, 1 família descreveu “colaboração, atenção, cuidado e preocupação”, representadas no seguinte gráfico.

Figura 9. *Que tipo de atitude revelou a educadora neste processo*



Na sequência da fase quantitativa do estudo, foram realizadas entrevistas a três famílias para que explorar, através da análise qualitativa, aspetos relevantes das suas experiências relativamente ao processo de adaptação, que não foram possíveis de obter através dos dados quantitativos, ou seja, dos questionários realizados.

O tratamento dos dados recolhidos através das entrevistas foi realizado com base na seguintes categorias e subcategorias de análise:

Quadro 2. Análise categorial das entrevistas realizadas às famílias

Categoria	Subcategorias
Experiências nos Processos de Adaptação dos Filhos à Creche	Número de experiências vividas de adaptação à creche
	Processo mais tranquilo e sereno de adaptação: primeiro/a ou segundo/a filho/a
	Processo mais difícil e complexo de adaptação: primeiro/a ou segundo/a filho/a
	Dificuldades sentidas ao longo dos processos vividos: momento de separação
	Superação das dificuldades sentidas: confiança na equipa educativa
	Comparação dos processos de adaptação vividos: diferença entre filhos/as
	Possíveis mudanças em futuros processos de adaptação de filhos à creche

De acordo com as *experiências nos processos de adaptação dos filhos à creche* é possível verificar que as famílias entrevistadas quanto ao número de experiências anteriores de adaptação, acompanharam entre dois a três processos: “Acompanhei os 2 processos de adaptação.” (F1), “Já acompanhei dois processos.” (F2) e “3.” (F3).

No processo mais tranquilo e sereno, as três famílias entrevistadas referem que foi o do/a primeiro/a e segundo/a filho/a, ou seja, do filho/a mais velho/a: “Da minha segunda

filha. A minha segunda filha é “mais fácil” na relação com os outros e eu também já tinha experiência.” (F1), “O mais sereno e tranquilo foi do meu filho mais velho, porque, uma vez que trabalho no mesmo estabelecimento, não estava no mesmo piso a trabalhar e, por isso, não estabelecíamos contacto visual.” (F2) e “O da minha filha F. (a mais velha). O adulto que a recebia todos os dias a F, era a auxiliar da sala. Criaram uma grande relação afetiva. Facilita no momento de adaptação e pós adaptação um adulto de sala de referência (auxiliar ou educadora).” (F3).

No processo mais difícil e complexo, a família 1 assume que foi o da primeira filha, enquanto as famílias 2 e 3 destacam os filhos mais novos: “Da primeira filha. Chorou durante muitos meses sempre que a deixávamos. Talvez por já ter 2 anos e meio e perceber mais a separação ou a mudança face ao período que esteve em casa com os avós.” (F1), “Foi do meu filho mais novo, pois trabalhava na sala do lado, e com um ano de idade é um bebé que não entende o motivo de não poder estar com a mãe, e para mim, foi um misto de sentimentos, e por vezes bastante angustiante.” (F2) e “Na segunda adaptação da B. Talvez porque já ter passado por uma adaptação anterior e sentir a mudança de escola e das pessoas de referência.” (F3).

Nas dificuldades sentidas ao longo do processo, a família 1 e 3 destacam o momento de acolhimento e posterior separação: “A separação à chegada ao colégio, pois tive sempre a sensação de angústia de deixar a chorar à janela. (F1) e “O momento de separação.” (F3). Já a família 2, distingue os momentos nas dificuldades sentidas entre os dois filhos: “Com o meu filho mais velho a maior dificuldade era no período do almoço, uma vez que era o momento em que nos podíamos cruzar e quando isso acontecia chorava muito, e por vezes até vomitava de desespero. Com o meu filho mais novo foi sempre muito difícil, porque nos víamos constantemente.” (F2).

Na superação das dificuldades, verifica-se que as famílias 1 e 3 confiaram na equipa educativa, não só pelo feedback que recebiam, mas também pelo bem-estar que observavam nos filhos: “Sempre tive garantia por parte dos educadores que ficava bem passado alguns minutos após a deixarmos. Tentei sempre que possível ir buscar cedo ao colégio, à tarde.” (F1) e “De manhã falar com entusiasmo e alegria sobre a escola. Que o momento de separação seja breve. Confiar nos profissionais que a acolhem, isso passa para as crianças. As reações das crianças a situações novas (como a adaptação) são muito influenciadores pela relação que o pai ou mãe estabelecem com essa novidade.” (F3). Já a família 2, utilizou a estratégia de tentar não se cruzar com os filhos, nos mesmos espaços, uma vez que a entrevistada faz parte da equipa educativa da instituição: “Com o

meu filho mais velho, durante os primeiros meses, no período do almoço tentava esconder-me de forma que não me visse. Com o meu filho mais novo evitava também os espaços onde estaca e acolhia-o sempre que o via.” (F2)

Na comparação dos processos de adaptação, as respostas das famílias entrevistadas foram distintas, destacando as três as diferenças em ambos os processos: “O atual foi mais fácil, pelas características da criança “mais dada”, mas talvez também por a mana já estar na escola.” (F1), “Neste momento, é espetacular nos dois casos. Tanto os meus filhos mais velhos com o mais novo ficam muito felizes quando me veem e prosseguem a rotina sem dificuldade ou angústia.” (F2) e “Todas as adaptações nas diferentes escolas foram graduais. É difícil comparar, sendo que as crianças tinham idades diferentes, personalidades diferentes e momentos de vida distintas.” (F3).

Nas possíveis mudanças em futuros processos de adaptação, as três famílias entrevistadas apontam que não sentem necessidade de mudar nada em futuros processos de adaptação, quer ao nível das suas próprias posturas, quer ao nível da instituição e equipa educativa: “Talvez pusesse mais cedo na escola, pois me pareceu mais fácil a integração em idade menor. Em termos de postura penso que não mudaria, pois sempre disse adeus e nunca sai da sala sem avisar as minhas filhas.” (F1), “Não mudaria nada, tive excelentes profissionais a apoiarem-me em todo o processo e a darem-me também colo quando precisava.” (F2) e “Não mudaria nada.” (F3).

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentados todos os dados recolhidos, importa agora analisá-los de forma que se responda ao objetivo geral e objetivos específicos delineados para o presente estudo.

Relembrando o objetivo geral, *compreender de que forma é que as famílias vivenciam o processo de adaptação das crianças à creche*, conclui-se que as famílias encararam o processo de adaptação de forma diferenciada. Os estados emocionais que as famílias apresentaram quando entregaram as crianças à equipa educativa, influenciaram diretamente os comportamentos manifestados pelas crianças, tal como foi possível verificar na análise acima apresentada e também, na análise individual de cada questionário. Quando as crianças apresentaram birras, insegurança e tristeza, as suas famílias caracterizaram o seu estado emocional como sendo pouco tranquilo e pouco seguro. Tal como apresentado na revisão da literatura, as famílias revelam um papel de importante relevância para o bem-estar emocional das crianças, sendo igualmente as responsáveis para que a adaptação ocorra de forma tranquila e suave para o ambiente educativo. Também foi possível verificar que independentemente dos estados emocionais que as famílias apresentaram, as durações dos processos de adaptação das crianças não sofreram alterações significativas, sendo que a maioria das famílias apontaram a duração de 1 mês ou menos.

Também se concluí, que existe relação entre o número de filhos e os processos de adaptação mais tranquilos e serenos/ mais difíceis e complexos, uma vez que quer das respostas aos questionários, quer das respostas às entrevistas, foi perceptível que as famílias que têm mais do que um filho, sentiram mais facilidade no processo de adaptação do primeiro/a filho/a, apresentando a idade de entrada na creche e as características da criança como os principais motivos.

Relativamente às dificuldades que as famílias sentiram durante o processo de adaptação dos filhos/as, confirma-se que o momento de acolhimento, momento em que entregaram a criança à equipa educativa foi o mais difícil, por se refletir na separação entre família/ criança. Este facto pode ser explicado com a teoria apresentada por Bowlby (1992b), devido à vinculação que é estabelecida entre as crianças e os pais, observando-se de forma mais ativa e forte com a mãe. É importante destacar que as entrevistas foram realizadas a 3 mães e que os questionários foram respondidos por 28 mães numa amostra de 35 famílias, daí ter sido notória a maior dificuldade no momento da separação.

No que se refere à necessidade de recorrer a recursos para facilitar ou superar as dificuldades, as famílias destacaram o apoio no marido/mulher, na equipa educativa e noutros familiares. Mas, também, no bem-estar que observavam nos/as filhos/as e sobretudo na confiança do feedback que recebiam da equipa educativa. Destaca-se assim, o importante papel que a equipa educativa revela em todo o processo de adaptação, uma vez que as famílias inquiridas se dividiram na resposta, tendo selecionado quer a educadora da sala, quer a auxiliar da sala como recursos fundamentais ao processo de adaptação. Tal como defende Portugal (2012), cabe à equipa educativa apresentar uma atitude responsiva, atenta, cuidada e segura para que consigam promover um ambiente holístico às crianças.

6. CONCLUSÃO

A realização deste estudo proporcionou um conjunto de aspetos positivos que enriqueceram significativamente o meu conhecimento sobre o tema em análise: *Adaptação das crianças à creche: As experiências das Famílias*. A revisão da literatura permitiu uma compreensão mais profunda do contexto e das teorias existentes, promovendo uma base sólida para a investigação. Além disso, o contacto direto com as famílias através das entrevistas proporcionou uma perspetiva única e valiosa, contribuindo assim para uma compreensão mais holística do assunto. A ligação entre os conhecimentos académicos e profissionais (estudante-auxiliar) permitiu a aplicação na prática dos conceitos teóricos aprendidos.

No entanto, é importante reconhecer as limitações encontradas durante o processo de investigação. Embora apenas 35 famílias tenham respondido ao questionário, em vez das 39, essa discrepância pode ter impactado, até certo ponto, a representatividade dos resultados. Além disso, é relevante referir que as respostas foram maioritariamente femininas.

Desta forma, como futura profissional de educação umas das primeiras preocupações e intenções será estabelecer uma relação de comunicação, partilha, segurança e confiança com as famílias, para que se sintam tranquilas e consigam influenciar positivamente o processo de adaptação dos/as seus/suas filhos/as. Quanto mais tranquilas estiverem as famílias, menos difícil será o processo de adaptação das crianças, porque complexo acabará sempre por ser, devido ao facto das crianças terem que transitar para um ambiente que lhes é totalmente desconhecido. Portanto, reconhece-se a importância de criar uma relação saudável com as famílias com o objetivo de proporcionar o apoio necessário durante o processo de adaptação das crianças à creche.

Para concluir, ao investir-se tempo e esforço na construção de relacionamentos sólidos com as famílias, colaborando-se de forma proativa, garantir-se-á que as crianças se sintam seguras, apoiadas e valorizadas no contexto escolar. Acredita-se que esta relação entre escola e família é enriquecedora e potenciará não só o bem-estar das crianças, como também processos de desenvolvimento e aprendizagem harmoniosos, felizes, tranquilos e equilibrados. Assim termina-se este estudo ao concordar-se com a ideia apresentada por Brazelton & Greenspan (2002), em que ao desenvolver-se uma prática baseada na qualidade e na responsividade, também será possível potenciar-se e favorecer o crescimento pessoal, o profissional, a equipa educativa e a comunidade escolar.

6. REFERÊNCIAS

- Associação de Profissionais de Educação de Infância (s.d). Carta de princípios para uma ética profissional.
- Bogdan, R & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Brito, R. & Cruz, E. (2023). *Práticas e vivências de adaptação de crianças 0-9 à (nova) rotina escolar: Estratégias, desafios e sugestões*. Instituto Superior de Educação e Ciências.
- Chan, W. L. (2012). Expectations for the transition from kindergarten to primary school amongst teachers, parents and children. *Early Child Development and Care*, 182(5), 639-664. DOI:10.1080/03004430.2011.569543
- DeCaro, J. A., & Worthman, C. M. (2011). Changing family routines at kindergarten entry predict biomarkers of parental stress. *International Journal of Behavioral Development*, 35(5), 441-448. DOI:10.1177/0165025411406853
- Decreto Regulamentar Regional nº 17/2001/A de 29-11-2001. Anexo - Estatuto dos Estabelecimentos de Educação Pré-escolar Capítulo II - das creches, artigo 12.º - finalidade da creche.
- Cresswell, J. W. (2010). Projeto de pesquisa: Métodos qualitativos, quantitativos e misto (3ª ED.). Artmed.
- Epstein, J. L. (2001). *School/family/community partnerships: Preparing educators and improving schools*. Westview Press.
- Lagace-Seguin, D. G., & Case, E. (2010). Extracurricular activity and parental involvement predict positive outcomes in elementary school children. *Early Child Development and Care*, 180(4), 453-462. DOI:10.1080/03004430802040948
- Lazarus, R. S. (1991). *Emotion and adaptation*. Oxford University Press.
- Magalhães, G. (2007). *Modelos de colaboração jardim-de-infância/família*. Instituto Piaget.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-ação*. Porto Editora.
- Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EduSer: Revista de Educação*, 2(2), 49-65. DOI: 10.34620/eduser.v2i2.24
- Oliveira, L., Pereira, A., & Santiago, R. (2004). *Investigação em educação: Abordagens conceptuais e práticas*. Porto Editora.

- Pianta, R. C., & Kraft -Sayre, M. K. (2003). *Successful kindergarten transition: Your guide to connecting children, families, and schools*. Paul H. Brookes Publishing Co.
- Portugal, G. (1998). *Crianças, famílias e creches: Uma abordagem ecológica de adaptação do bebé à creche*. Porto Editora.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche: Das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Confederação
- Portugal, G., Carvalho, C. & Bento, G. (2016). *Orientações pedagógicas para a creche*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Saint-Exupéry, A. (1995). *O Príncipezinho*. Relógio D'Água.
- Silva, A. H. & Fossá, M. I. (2013). *Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos*. Comunicação apresentada no IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Brasília.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em educação*. Livros Horizonte.
- SPRATT, C.; WALKER, R.; ROBINSON, B. Mixed (2004) research methods. Practitioner Research and Evaluation Skills Training in Open and Distance Learning.
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. Santos Silva & J. Madureira Pinto (Eds.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-128). Edições Afrontamento.

ANEXOS

Anexo A- Questionário

Questionário

Adaptação das crianças à Creche: As Experiências das Famílias

Este questionário visa a recolha de dados para um estudo de mestrado a realizar, no âmbito do mestrado em educação pré-escolar no instituto superior de educação e ciências, sobre as perspetivas dos pais acerca da adaptação das crianças à creche. A sua participação neste estudo é voluntária. A informação prestada será tratada de forma confidencial e será apenas utilizada para os fins do referido estudo.

Idade: _____

Sexo: Feminino Masculino

1. Quantos filhos tem?

1

2

3

Ou mais ...

2. É a primeira vez que acompanha um processo de adaptação de um/uma filho/a em creche?

Sim

Não

3. Quanto tempo demorou o processo de adaptação do seu filho/a?

1 semana

Menos de 1 Mês

1 Mês

2 Meses

3 Meses

4. Quais os comportamentos e as reações que a criança demonstrou ao longo do processo de adaptação?

Insegurança

Ansiedade

Tristeza

Birra

Indiferença

Felicidade

Outros: _____

5. No momento de acolhimento (momento que entregou a criança à equipa educativa) como se sentiu emocionalmente?

Calmo/a

Seguro/a

Inseguro/a

Triste

Ansioso/a

Feliz

Nervoso/a

Outros: _____

6. Sentiu necessidade de recorrer a alguns dos seguintes recursos?

Marido/Mulher

Outros Familiares

Equipa Educativa

Outros: _____

7. Em qual/quais dos recursos acima assinalados sentiu mais apoio, disponibilidade, colaboração e atenção?

Marido/Mulher

Outros Familiares

Equipa Educativa

Outros: _____

8. Quais os elementos da equipa educativa que considera que foram mais importantes neste processo de adaptação?

Educadora da Sala

Auxiliar da Sala

Restantes Educadoras

Restantes Auxiliares

Outros: _____

9. Que tipo de atitude revelou a educadora neste processo?

Colaboração

Atenção

Cuidado

Indiferença

Preocupação

Irresponsabilidade

Outros: _____

Muito obrigada pela colaboração!

Anexo B – Guião de Entrevista

Guião de Entrevista

Destinatárias: Famílias da Creche – “Adaptação das crianças à creche: As Experiências das Famílias”

Objetivos: Compreender as experiências das famílias nos processos de adaptação à creche dos seus filhos;

Identificar e caracterizar os processos de adaptação que as famílias vivenciaram até ao momento.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões
<p>A. Legitimação da entrevista e motivação do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar os objetivos gerais do estudo e da entrevista; • Garantir confidencialidade; • Solicitar autorização para gravar a entrevista em suporte áudio 	<p>- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação sobre as Experiências das Famílias na Adaptação dos seus filhos à creche.</p> <p>- O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido.</p> <p>- Pedir autorização para gravar áudio;</p> <p>- Informar devolução das transcrições.</p>
<p>B. Definição do perfil do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a idade, profissão, formação académica e número de filhos 	<p>B1. Grau de parentesco: Mãe ____ Pai ____</p> <p>B2. Idade: _____</p>

		<p>B3. Qual é a sua profissão?</p> <p>B4. Qual a sua formação acadêmica?</p> <p>B5. Quantos filhos tem?</p>
<p>C. Experiências de Processos de Adaptação dos Filhos à Creche</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saber o número de experiências anteriores de adaptação de filhos à creche • Perceber como foram experienciados os processos de adaptação dos filhos à creche • Perceber possíveis diferenças entre os processos anteriores e o processo atual 	<p>C1. Quantos processos de adaptação á creche já acompanhou?</p> <p>C2. Dos processos de adaptação que acompanhou qual foi o mais tranquilo e sereno? Porquê?</p> <p>C3. Dos processos de adaptação que acompanhou qual foi o mais difícil e complexo? Porquê?</p> <p>C4. Quais as maiores dificuldades que sentiu ao longo do processo de adaptação dos seus filhos?</p> <p>C5. Como tentou superar essas dificuldades?</p> <p>C6. Como compara os processos de adaptação anteriores ao atual?</p>

		C7. Se no futuro voltasse a passar por um processo de adaptação mudaria alguma coisa? O quê?
D. Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Finalizar a entrevista 	<ul style="list-style-type: none"> -De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? - Obrigada pela sua disponibilidade.

Anexo C – Transcrição da Entrevista Família 1 (F1)

Transcrição de Entrevista

Destinatárias: Famílias da Creche – “Adaptação das crianças à creche: As Experiências das Famílias”

Objetivos: Compreender as experiências das famílias nos processos de adaptação à creche dos seus filhos;

Identificar e caracterizar os processos de adaptação que as famílias vivenciaram até ao momento.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Transcrição
<p>B. Definição do perfil do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a idade, profissão, formação académica e número de filhos 	<p>B1. Qual é o seu grau de Parentesco?</p> <p>B2. Que idade tem?</p> <p>B3. Qual é a sua profissão?</p> <p>B4. Qual a sua formação académica?</p> <p>B5. Quantos filhos tem?</p>	<p>B1. Sou a mãe.</p> <p>B2. 37 anos.</p> <p>B3. Médica.</p> <p>B4. Licenciatura.</p> <p>B5. Tenho duas filhas.</p>

<p>C. Experiências de Processos de Adaptação dos Filhos à Creche</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saber o número de experiências anteriores de adaptação de filhos à creche • Perceber como foram experienciados os processos de adaptação dos filhos à creche • Perceber possíveis diferenças entre os processos anteriores e o processo atual 	<p>C1. Quantos processos de adaptação á creche já acompanhou?</p> <p>C2. Dos processos de adaptação que acompanhou qual foi o mais tranquilo e sereno? Porquê?</p> <p>C3. Dos processos de adaptação que acompanhou qual foi o mais difícil e complexo? Porquê?</p>	<p>C1. Acompanhei os 2 processos de adaptação.</p> <p>C2. Da minha segunda filha. A minha segunda filha é “mais fácil” na relação com os outros e eu também já tinha experiência.</p> <p>C3. Da primeira filha. Chorou durante muitos meses sempre que a deixávamos. Talvez por já ter 2 anos e meio e perceber mais a separação ou a mudança face ao período que esteve em casa com os avós.</p>
---	---	--	--

		<p>C4. Quais as maiores dificuldades que sentiu ao longo do processo de adaptação dos seus filhos?</p> <p>C5. Como tentou superar essas dificuldades?</p> <p>C6. Como compara os processos de adaptação anteriores ao atual?</p>	<p>C4. A separação à chegada ao colégio, pois tive sempre a sensação de angústia de deixar a chorar a janela.</p> <p>C5. Sempre tive garantia por parte dos educadores que ficava bem passado alguns minutos após a deixarmos. Tentei sempre que possível ir buscar cedo ao colégio, à tarde.</p> <p>C6. O atual foi mais fácil, pelas características da criança “mais dada”, mas talvez também por a mana já estar na escola.</p>
--	--	---	--

		C7. Se no futuro voltasse a passar por um processo de adaptação mudaria alguma coisa? O quê?	C7. Talvez pusesse mais cedo na escola, pois me pareceu mais fácil a integração em idade menor. Em termos de postura penso que não mudaria, pois sempre disse adeus e nunca sai da sala sem avisar as minhas filhas.
D. Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Finalizar a entrevista 	D1. Tem mais alguma coisa relevante para dizer sobre este tema que seja importante?	D1. A minha primeira filha fez integração na escola em pandemia covid-19, com uso de máscaras obrigatórias, o que também pode ter sido um fator dificultador na integração inicial. As características pessoais das crianças também me parecem fundamentais na sua capacidade de integração.

Anexo D – Transcrição da Entrevista da Família 2 (F2)

Transcrição de Entrevista

Destinatárias: Famílias da Creche – “Adaptação das crianças à creche: As Experiências das Famílias”

Objetivos: Compreender as experiências das famílias nos processos de adaptação à creche dos seus filhos;
Identificar e caracterizar os processos de adaptação que as famílias vivenciaram até ao momento.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Transcrição
<p>B. Definição do perfil do/a entrevistado/a</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a idade, profissão, formação académica e número de filhos 	<p>B1. Qual é o seu grau de Parentesco?</p> <p>B2. Que idade tem?</p> <p>B3. Qual é a sua profissão?</p> <p>B4. Qual a sua formação académica?</p> <p>B5. Quantos filhos tem?</p>	<p>B1. Sou a mãe.</p> <p>B2. Tenho 37 anos.</p> <p>B3. Sou educadora de infância.</p> <p>B4. Licenciatura</p> <p>B5. 2 filhos.</p>

<p>C. Experiências de Processos de Adaptação dos Filhos à Creche</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saber o número de experiências anteriores de adaptação de filhos à creche • Perceber como foram experienciados os processos de adaptação dos filhos à creche • Perceber possíveis diferenças entre os processos anteriores e o processo atual 	<p>C1. Quantos processos de adaptação á creche já acompanhou?</p> <p>C2. Dos processos de adaptação que acompanhou qual foi o mais tranquilo e sereno? Porquê?</p> <p>C3. Dos processos de adaptação que acompanhou qual foi o mais difícil e complexo? Porquê?</p>	<p>C1. Já acompanhei dois processos.</p> <p>C2. O mais sereno e tranquilo foi do meu filho mais velho, porque, uma vez que trabalho no mesmo estabelecimento, não estava no mesmo piso a trabalhar e, por isso, não estabelecíamos contacto visual.</p> <p>C3. Foi do meu filho mais novo, pois trabalhava na sala do lado, e com um ano de idade é um bebé que não entende o motivo de não poder estar com a mãe, e para mim, foi um misto</p>
---	---	--	--

		<p>C4. Quais as maiores dificuldades que sentiu ao longo do processo de adaptação dos seus filhos?</p> <p>C5. Como tentou superar essas dificuldades?</p>	<p>de sentimentos, e por vezes bastante angustiante.</p> <p>C4. Com o meu filho mais velho a maior dificuldade era no período do almoço, uma vez que era o momento em que nos podíamos cruzar e quando isso acontecia chorava muito, e por vezes até vomitava de desespero. Com o meu filho mais novo foi sempre muito difícil, porque nos víamos constantemente.</p> <p>C5. Com o meu filho mais velho, durante os primeiros meses, no período do almoço tentava esconder-me de forma que não me visse. Com o meu</p>
--	--	---	--

		<p>C6. Como compara os processos de adaptação anteriores ao atual?</p> <p>C7. Se no futuro voltasse a passar por um processo de adaptação mudaria alguma coisa? O quê?</p>	<p>filho mais novo evitava também os espaços onde estaca e acolhia-o sempre que o via.</p> <p>C6. Neste momento, é espetacular nos dois casos. Tanto os meus filhos mais velhos com o mais novo ficam muito felizes quando me veem e prosseguem a rotina sem dificuldade ou angústia.</p> <p>C7. Não mudaria nada, tive excelentes profissionais a apoiarem-me em todo o processo e a darem-me também colo quando precisava.</p>
--	--	--	--

D. Conclusão da entrevista	• Finalizar a entrevista	D1. Tem mais alguma coisa relevante para dizer sobre este tema que seja importante?	D1. Não, obrigada.
-----------------------------------	--------------------------	--	---------------------------

Anexo E– Transcrição da Entrevista da Família 3 (F3)

Transcrição de Entrevista

Destinatárias: Famílias da Creche – “Adaptação das crianças à creche: As Experiências das Famílias”

Objetivos: Compreender as experiências das famílias nos processos de adaptação à creche dos seus filhos;
Identificar e caracterizar os processos de adaptação que as famílias vivenciaram até ao momento.\

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Transcrição
B. Definição do perfil do/a entrevistado/a	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer a idade, profissão, formação académica e número de filhos	<p>B1. Qual é o seu grau de Parentesco?</p> <p>B2. Que idade tem?</p> <p>B3. Qual é a sua profissão?</p> <p>B4. Qual a sua formação académica?</p> <p>B5. Quantos filhos tem?</p>	<p>B1. Mãe</p> <p>B2. Tenho 33 anos.</p> <p>B3. Educadora de infância.</p> <p>B4. Mestrado em educação.</p> <p>B5. 2.</p>

<p>C. Experiências de Processos de Adaptação dos Filhos à Creche</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saber o número de experiências anteriores de adaptação de filhos à creche • Perceber como foram experienciados os processos de adaptação dos filhos à creche • Perceber possíveis diferenças entre os processos anteriores e o processo atual 	<p>C1. Quantos processos de adaptação á creche já acompanhou?</p> <p>C2. Dos processos de adaptação que acompanhou qual foi o mais tranquilo e sereno? Porquê?</p> <p>C3. Dos processos de adaptação que acompanhou qual foi o mais difícil e complexo? Porquê?</p> <p>C4. Quais as maiores dificuldades que sentiu ao longo do processo de adaptação dos seus filhos?</p> <p>C5. Como tentou superar essas dificuldades?</p>	<p>C1. 3.</p> <p>C2. O da minha filha F. (a mais velha). O adulto que a recebia todos os dias a F, era a auxiliar da sala. Criaram uma grande relação afetiva. Facilita no momento de adaptação e pós adaptação um adulto de sala de referência (auxiliar ou educadora).</p> <p>C3. Na segunda adaptação da B. Talvez porque já ter passado por uma adaptação anterior e sentir a mudança de escola e das pessoas de referência.</p> <p>C4. O momento de separação.</p> <p>C5. De manhã falar com entusiasmo e alegria sobre a</p>
--	---	--	---

		<p>C6. Como compara os processos de adaptação anteriores ao atual?</p> <p>C7. Se no futuro voltasse a passar por um processo de adaptação mudaria alguma coisa? O quê?</p>	<p>escola. Que o momento de separação seja breve. Confiar nos profissionais que a acolhem, isso passa para as crianças. As reações das crianças a situações novas (como a adaptação) são muito influenciadores pela relação que o pai ou mãe estabelecem com essa novidade.</p> <p>C6. Todas as adaptações nas diferentes escolas foram graduais. É difícil comparar, sendo que as crianças tinham idades diferentes, personalidades diferentes e momentos de vida distintas.</p> <p>C7. Não mudaria nada.</p>
--	--	--	--

D. Conclusão da entrevista	• Finalizar a entrevista	D1. Tem mais alguma coisa relevante para dizer sobre este tema que seja importante?	D1. Não.
-----------------------------------	--------------------------	--	-----------------

Anexo F– Análise categorial das entrevistas realizadas às Famílias 1, 2 e 3

Tabela: Análise categorial das entrevistas realizadas às Famílias

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Experiências nos Processos de Adaptação dos Filhos à Creche	Número de experiências anteriores de adaptação de filhos à creche	- “Acompanhei os 2 processos de adaptação.” (F1) - “Já acompanhei dois processos.” (F2) - “3.” (F3)
	Processo mais tranquilo e sereno	- “Da minha segunda filha. A minha segunda filha é “mais fácil” na relação com os outros e eu também já tinha experiência.” (F1) - “O mais sereno e tranquilo foi do meu filho mais velho, porque, uma vez que trabalho no mesmo estabelecimento, não estava no mesmo piso a trabalhar e, por isso, não estabelecíamos contacto visual.” (F2) - “O da minha filha F. (a mais velha). O adulto que a recebia todos os dias a F, era a auxiliar da sala. Criaram uma grande relação afetiva. Facilita no momento de adaptação e pós adaptação um adulto de sala de referência (auxiliar ou educadora).” (F3)
	Processo mais difícil e complexo	- “Da primeira filha. Chorou durante muitos meses sempre que a deixávamos. Talvez por já ter 2 anos e meio e perceber mais a separação ou a mudança face ao período que esteve em casa com os avós.” (F1) - “Foi do meu filho mais novo, pois trabalhava na sala do lado, e com um ano de idade é um bebé que não entende o motivo de não poder estar com a mãe, e para mim, foi um misto de sentimentos, e por vezes bastante angustiante.” (F2)

		- “Na segunda adaptação da B. Talvez porque já ter passado por uma adaptação anterior e sentir a mudança de escola e das pessoas de referência.” (F3)
	Dificuldades sentidas ao longo dos processos	- A separação à chegada ao colégio, pois tive sempre a sensação de angústia de deixar a chorar a janela. (F1) - “Com o meu filho mais velho a maior dificuldade era no período do almoço, uma vez que era o momento em que nos podíamos cruzar e quando isso acontecia chorava muito, e por vezes até vomitava de desespero. Com o meu filho mais novo foi sempre muito difícil, porque nos víamos constantemente.” (F2) - “O momento de separação.” (F3)
	Superação das dificuldades	- “Sempre tive garantia por parte dos educadores que ficava bem passado alguns minutos após a deixarmos. Tentei sempre que possível ir buscar cedo ao colégio, à tarde.” (F1) - “Com o meu filho mais velho, durante os primeiros meses, no período do almoço tentava esconder-me de forma que não me visse. Com o meu filho mais novo evitava também os espaços onde estaca e acolhia-o sempre que o via.” (F2) - “De manhã falar com entusiasmo e alegria sobre a escola. Que o momento de separação seja breve. Confiar nos profissionais que a acolhem, isso passa para as crianças. As reações das crianças a situações novas (como a adaptação) são muito influenciadores pela relação que o pai ou mãe estabelecem com essa novidade.” (F3)

	<p>Comparação dos processos de adaptação</p>	<p>- “O atual foi mais fácil, pelas características da criança “mais dada”, mas talvez também por a mana já estar na escola.” (F1)</p> <p>- “Neste momento, é espetacular nos dois casos. Tanto os meus filhos mais velhos com o mais novo ficam muito felizes quando me veem e prosseguem a rotina sem dificuldade ou angústia.” (F2)</p> <p>- “Todas as adaptações nas diferentes escolas foram graduais. É difícil comparar, sendo que as crianças tinham idades diferentes, personalidades diferentes e momentos de vida distintas.” (F3)</p>
	<p>Possíveis mudanças em futuros processos de adaptação</p>	<p>- “Talvez pusesse mais cedo na escola, pois me pareceu mais fácil a integração em idade menor. Em termos de postura penso que não mudaria, pois sempre disse adeus e nunca sai da sala sem avisar as minhas filhas.” (F1)</p> <p>- “Não mudaria nada, tive excelentes profissionais a apoiarem-me em todo o processo e a darem-me também colo quando precisava.” (F2)</p> <p>- “Não mudaria nada.” (F3)</p>